

Análise espacial das actividades de lazer nocturnas em Coimbra

Claudete Oliveira Moreira

Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. claudete@fl.uc.pt

Norberto Pinto dos Santos

Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. norgeo@fl.uc.pt

Introdução

A vida urbana constrói-se cada vez mais na multiplicidade de tempos e na diversidade de ritmos, sendo quotidianamente marcada por espaços que conjugam tempos sociais de convergência ou divergência entre o trabalho, o consumo, o lazer, as obrigações, o descanso. Ampliamos as esferas de acção da vida social e procuramos na cidade lugares criativos, seguros, mas onde queremos correr riscos, e facilmente acessíveis para realizações várias, mas identitariamente distantes dos outros. A cidade abre-se a novos públicos, assimila-os, protege-os, cria novas identidades e comportamentos na envolvimento de uma sociedade de consumo-espectáculo onde a noite tem e virá a ter um papel de crescente significado.

Se a cidade no seu processo de formação eclética, democraticamente integradora dos seus utilizadores, se torna palco e motivo de consumo, a noite recria a cidade e dá ao tempo um novo significado. Tal como Roger Sue (1982) refere, o tempo é de produção a tempo inteiro e isso torna o tempo da noite num tempo economicamente apetecível. Todavia, o tempo tem sido uma dimensão negligenciada nas análises geográficas. É outra a cidade à noite: outras centralidades, mobilidades, percepções e representações, enfim, outras relações com o espaço, ainda pouco exploradas pelas ciências sociais.

Numa cidade como Coimbra, de nível hierárquico urbano superior, a dimensão da vida nocturna é particularmente relevante. Há serviços que funcionam 24 horas por dia, há actividades culturais que privilegiam a noite, há ofertas comerciais e de lazer que precisam da noite e, nesta ambiência, a predominância de actividades de serviços de nível superior e a importância do ensino, especialmente do superior é muito relevante. Dito isto, importa saber como a cidade vive a noite. Como se molda o tempo e o espaço a um período identificado com o repouso, a redução da mobilidade e a procura de protecção pelo

receio criado por fobias culturais e riscos reais. Dar resposta a estas questões não é tarefa fácil. É necessário conhecer os lugares da oferta e as intenções da procura. Para isso importa saber onde estão e quais são as actividades nocturnas, identificar a distribuição de serviços associados à noite. Para tal foi efectuado, em 2007, um levantamento e georeferenciação dos restaurantes, cafés, cinemas, teatros, bares, *pubs* e discotecas existentes na cidade de Coimbra. Houve igualmente a intenção de conhecer a procura tendo por base um questionário indicativo da orientação espacial do consumo da noite entre os jovens adultos universitários, realizado em Dezembro de 2006. Foi privilegiada a análise espacial e efectuada a combinação da oferta e da procura de modo a determinar as centralidades de lazer nocturnas na cidade de Coimbra, utilizando os Sistemas de Informação Geográfica e, especificamente, o programa *ArcMap* 9.3.

Os Sistemas de Informação Geográfica abrem amplas possibilidades a esta análise social do espaço urbano, à regulação e à governabilidade da cidade à noite. O propósito é conquistar esta dimensão da vida urbana para o planeamento e o ordenamento e, beneficiando das potencialidades dos Sistemas de Informação Geográfica, conhecer a expressão espacial dos ritmos e dos tempos da cidade.

A noite e o lazer: entre a escuridão e a evasão

As temporalidades e as espacialidades do quotidiano são reguladas pelo dia astronómico e pelo dia natural; se o tempo do primeiro é ecuménico já o do segundo apresenta uma variação latitudinal e sazonal. A duração da noite é variável, varia não só de lugar para lugar como num mesmo lugar ao longo de um ano. Para além deste tempo, estruturado pelos ciclos naturais, há também um tempo mecânico, artificial, que quotidianamente impõe disciplina (TIESDELL e SLATER, 2006). Apesar da escuridão da noite ser um

fenómeno natural, comum aos lugares da Terra, embora com tempos diferentes, os seus usos e significados sociais não o são (WILLIAMS, 2008). Williams (2008) sublinha que a noite é muito mais do que um tempo do dia, com a chegada dela chegam os espaços da noite e apesar daquela ser um fenómeno natural os espaços da noite não o são. A noite é vivida e experienciada de modo diferenciado pelas várias culturas (CHATTERTON, 2002; WILLIAMS, 2008) e numa mesma cultura com variações em função do dia da semana, da época do ano, das crenças das pessoas, da forma de participação social predominante. GWIAZDZINSKI (2000) propõe que se evoque a noite urbana como espaço vivo, efêmero e cíclico.

A vida quotidiana é marcada, de facto, por ritmos vários: uns cíclicos e outros lineares. As 24 horas do dia astronómico inscrevem-se claramente no ritmo cíclico, têm um novo início no fim; já o emprego serve para ilustrar o ritmo linear, os intervalos neste tempo ocorrem de forma repetitiva, com princípio e fim (LEFÉBVRE¹, 1996 referido por WILLIAMS, 2008: 516-517). Efectivamente a organização do dia (24 horas) estrutura-se em torno de um tempo tripartido: os três oitos. O tempo de trabalho, valor social fundamental, o tempo de descanso, com um valor residual mas fisiologicamente incontornável, e o tempo livre, cada vez mais diversificado e assumidamente valor social enquanto motivador da sociedade que trabalha para viver e não apenas vive para trabalhar. Não é pois de estranhar que os ritmos de vida sejam cada vez mais plurais (CRANG, 2001; GWIAZDZINSKI, 2004). Dessincronizam-se os modos de vida (ALVES, 2007a e 2008). As novas tecnologias, a *internet*, os telemóveis, a televisão interactiva, os *call centres*, permitem flexibilizar os ritmos de vida e um desprendimento do relógio na execução de muitas das obrigações diárias, enquanto nos escravizam com a urgência, com a velocidade com que nos são suscitadas fortes e tão diversas participações em tantas esferas de acção, qual *patchwork* de actividades, ocupações e livres arbítrios. No fundo "o tempo em contínuo da economia e das redes sobre põe-se ao ritmo circadiano dos nossos corpos e das nossas cidades" (ALVES, 2007a: 491), cada um molda o tempo em função do seu perfil social, distende-o, corta-o, comprime-o, acelera-o, nas escolhas pessoais que faz para o ocupar e a cidade molda-se para dar resposta a esta distensão, interrupção, compressão e aceleração das nossas realizações diárias.

Em função dos ritmos naturais e mecânicos as cidades funcionam como um organismo vivo, contraem-se e dilatam-se numa existência ritmada pela alternância entre o dia e a noite (GWIAZDZINSKI, 2005).

A rua da cidade é lugar (e expressão) de geografias rítmicas (CRESSWELL, 1998). Ao longo de 24 horas possui diferentes fluxos, é palco de várias iniciativas e de diferentes actores, que se movem por interesses sociais diversos. Tendencialmente a escuridão da noite retrai o uso do espaço, povoando-o de receios e de insegurança. Foi a luz artificial que permitiu alterar a percepção do espaço e representá-lo de um modo mais seguro. A instalação da iluminação, primeiramente a gás e depois da iluminação eléctrica nas cidades, significou uma vitória do cultural sobre o natural (LOVATT e O'CONNOR, 1995). A ubiquidade da luz artificial levou a que as actividades sociais urbanas, não apenas o trabalho mas também o consumo e o lazer, transcendessem a natureza (GOTTDIENER e BUDD, 2005). Hoje a luz artificial tem uma dupla funcionalidade: uma utilidade prática e uma utilidade estética, pelo efeito cénico que produz permite valorizar o espaço público de circulação e os espaços construídos, enquanto a sua vertente prática ordena a noite e orienta as acções. A luz tem um papel central na criação de eventos culturais, nos eventos de luz que ocorrem nas cidades (*Luzboa* em Lisboa, *nuît blanche* em Paris, *Fête des Lumières* em Lyon, *Luci d'Artistes* em Turim...) a luz alia-se à arte e funciona como pretexto para redescobrir o espaço urbano (ALVES, 2007a, 2007b e 2008).

Na sociedade da modernidade tardia, baseada nos serviços e orientada para o consumo e para o lazer, é essencial conquistar tempo para as múltiplas realizações, neste sentido, na cultura ocidental urbana, a animação do espaço urbano é ampliada temporalmente, a noite vai sendo progressivamente ocupada: o emprego deixou de ser *nine to five*, até porque é preciso trabalhar para fornecer lazer, há uma apetência para procurar os lazers libertadores das rotinas, os tempos sociais diversificam-se e requerem outros espaços de encontro e de realização. À noite a procura do espaço da cidade passou a ser comum entre um número crescente de pessoas que tendo tempo livre e disponibilidade financeira para consumir são também intelectualmente exigentes e apresentam poucas responsabilidades familiares. É esta a caracterização de muitos jovens adultos universitários que se apresentam como utilizadores preferenciais da noite.

Momentos há em que se modificam os ritmos dos espaços urbanos, conjunto de lugares e não-lugares. São as grandes festas urbanas, os eventos musicais (festivais, *raves*, festas de fim de ano...), os arraiais populares, a comemoração de resultados desportivos, a comemoração de resultados político-partidários; afinal o espectáculo e a encenação que encontram na noite um tempo propício, pela libertação do emprego,

¹ LEFÉBVRE, Henri (1996) - *Writings on cities*. Blackwell, Oxford.

pela maior acessibilidade, pela menor pressão social. A noite converte-se num tempo propício à evasão e o espaço público urbano o palco privilegiado de interacção social, da celebração, da expressão dos sentimentos colectivos, desempenhando um papel chave no desenvolvimento das cidades (ALVES, 2006 e 2007b). De facto, a cidade permanece como um bom observatório das mudanças sociais, nos últimos anos impõem-se novos tempos, novos e diversos ritmos de vida urbanos, não é mais uma cidade una, mas múltipla, a que se nos apresenta (ALLEMAND, 2005), com a noite social a deixar de ter um carácter excepcional.

BIANCHINI (1995) considera que há um conjunto de factores que se combinam para justificar o aumento da vida nocturna: i) a democratização do acesso ao ensino superior, que se sucedeu ao movimento estudantil de Maio de 1968, e que levou a que os jovens adultos universitários se constituíssem como importantes consumidores das actividades de lazer nocturno; ii) o surgimento de novos movimentos sociais, entre os quais o feminismo, que reclamam o direito à cidade, à noite² e iii) o aumento de tempo livre e do lazer principalmente para os jovens (entre os quais cresce o desemprego e a disponibilidade de tempo livre, mas também que quando habilitados superiormente e integrados no mercado do emprego, auferem rendimentos que lhes permitem aceder a lazers mais diversos e onerosos) e os idosos (justificado pelo aumento a esperança média de vida à nascença, elemento que se combina com reformas antecipadas). A isto é necessário juntar, sublinhando ideias acima inscritas, que o valor social atribuído ao lazer faz com que, de uma forma mais democrática ou mais elitista, a população procure, no seu tempo fora do emprego, o prazer, que assenta na realização de actividades dependentes do seu livre arbítrio e da satisfação retirada das relações daí resultantes.

A escuridão (natural), a iluminação (artificial) e a evasão (social) são uma tríade que confere ambiência e vida nocturna às cidades ocidentais contemporâneas. A mudança de uma economia urbana assente na produção para a uma economia urbana de consumo, levou a que actividades antes vistas como marginais adquirissem um papel central, numa clara reorientação das cidades para o prazer (LOVATT e O'CONNOR, 1995). Segundo GWIAZDZINSKI (2005: 99) "o *by-night* tornou-se uma dimensão característica da vida

urbana". Os clubes nocturnos, juntamente com os cafés, os bares, os restaurantes e os teatros, tornaram-se componentes essenciais da vida nocturna na cidade (NORTHCOTE, 2006). A cidade abre(se) à noite. Na noite cresce a oferta e a procura de lugares *out of hours*, fora das horas de emprego que regulam a vida no quotidiano. Surgem serviços que estão sempre disponíveis 24 horas por dia, 7 dias por semana. Serviços abertos em contínuo, e que entroncam no conceito *around-the-clock service*, são uma realidade cada vez mais presente na cidade contemporânea. À noite a oferta de eventos culturais na cidade é maior, os espaços urbanos de circulação registam menos utilizadores, havendo não só maior facilidade de circular na cidade, como mais espaços para estacionar, as montras dos estabelecimentos comerciais iluminam-se e permitem o *voyeurismo*, aumentam as ofertas comerciais privadas que oferecem possibilidades de encontro e de convívio social. Todos estes factores promovem a atractividade do espaço urbano.

CHATTERTON (2002) considera que na sociedade pós-industrial a governância da vida urbana nocturna é essencial, pela sua relevância económica, a cultura da 'cidade 24 horas' e da 'economia do prazer' (de que Barcelona, Glasgow, Melbourne, são exemplos) é bastante lucrativa. A vida nocturna faz parte integrante da nova economia urbana pós-industrial, trazendo mais-valias que não devem ser negligenciadas. De acordo com WILLIAMS (2008) o objectivo das autoridades e dos agentes económicos é 'reterritorializar' o espaço revitalizando os centros das cidades que estão em declínio e que passaram por processos de "desterritorialização". Para HENRIQUES e FEIO (1995) os espaços de lazers nocturnos no conjunto das funções urbanas têm uma relevância física e simbólica que, segundo eles, é um traço inovador. Neste sentido cultura, economia e *marketing* urbano são essenciais na dinamização da cidade à noite.

São vários os países da Europa que têm procurado revitalizar a vida urbana nocturna com base em estratégias assentes numa forte componente cultural: a Itália³, a Alemanha, a França, o Reino Unido, entre

² As *Take back de night* são um bom exemplo disto que se acabou de afirmar. São marchas que procuram reclamar a presença das mulheres no espaço público depois do anoitecer, momento em que cresce o sentimento de insegurança, e que têm subjacente um protesto contra a violência que atinge as mulheres e a insegurança que estas sentem particularmente na noite (MOREIRA, 2005).

³ BIANCHINI (1995) refere que a primeira vez que ouviu o conceito de economia da noite (EN) foi através da iniciativa organizada por Renato Nicolini para a cidade de Roma: *Estate Romana*. Esta iniciativa teve a sua primeira edição no final da década de setenta, em 1977, e procurou através da calendarização de uma série de eventos culturais contrariar a violência e mostrar que o espaço público da cidade pode ser seguro no fim do dia e durante a noite. Esta iniciativa que teve a mais recente edição em 2008 mantém-se fiel às suas origens. Nas praças, palácios, parques e jardins da cidade há uma oferta ao ar livre de concertos de todos os tipos de música: clássica, ópera, jazz, rock, pop, mas também de teatro, exibição de filmes, combinações de jazz e de cinema mudo, cinema, *ballet* e outras performances em sítios arqueológicos.

outros. No caso deste último as políticas implementadas nos centros das cidades têm procurado fixar residentes e desenvolver a economia da noite (EN) e o conceito de *24-hour city*. Antigas cidades industriais do Nordeste do país, desde finais dos anos 80 e ao longo dos anos 90, do século XX, empreenderam estratégias de retorno à cidade que passaram pela reabilitação/regeneração não só física como social, diversificando as ofertas de lazer e de comércio, valorizando, neste âmbito, a vida nocturna e a economia do prazer, com uma forte componente cultural e simbólica. Manchester, Leeds, Nottingham, Birmingham, Bristol, Glasgow e mesmo Newcastle, são alguns exemplos de cidades que se transformaram significativamente criando uma imagem mais cosmopolita, com uma importante dimensão cultural. A vida nocturna deixou de ser tão rigidamente regulada e controlada (como acontecia na sociedade industrial), a adopção de atitudes mais liberais traduziu-se na atracção de consumidores activos e num crescimento da EN. Bares, *pubs*, discotecas, cinemas, teatros e casas de espectáculos permitiram uma reafirmação das áreas centrais das cidades e a diversificação das ofertas de lazer atraiu mais residentes, clientela real que assume uma grande importância na sua viabilização. Esta economia traz contudo consigo aspectos menos louváveis: as EN estão muito orientadas para os jovens, para os clubes nocturnos, para actividades para legais ou ilegais, que assumem a transgressão e o desvio, na fuga à norma que é assumida no tempo da luz natural (BIANCHINI, 1995; CHATTERTON, 2002; HOLLANDS e CHATTERTON, 2002; GOTTDIENER e BUDD, 2005; TIESDELL e SLATER, 2006; HUBBARD, 2007). De facto a apropriação do espaço público por grupos específicos, tribos urbanas, condiciona a percepção individual e colectiva da qualidade desse espaço público (ALVES, 2006).

JAYNE *et al.* (2006) notam que o consumo de álcool se tornou parte desta estratégia de regeneração urbana. Criaram-se destinos atractivos para beber, importantes para o *marketing* e para a promoção dos lugares. O consumo de bebidas alcoólicas na noite assume de facto uma crescente importância: as bebidas tornam-se cada vez mais artísticas e combinam várias influências culturais, para além disto o álcool funciona como fonte de prazer, como desinibidor, estimula a libertação individual, facilita a argumentação e a contra argumentação, os relacionamentos interpessoais, a sociabilidade, e parece justificar, desculpando, os comportamentos transgressivos e violentos.

A escuridão, também ela, suscita, porque ofusca, comportamentos transgressivos que rompem ou comprometem a ordem social estabelecida, dando azo à agitação social, à violência, à criminalidade valorizada pela economia subterrânea, ilegal. CHATTERTON (2002)

sustenta que a gestão da cidade à noite deve basear-se mais no desenvolvimento económico e na criatividade do que na lei, na ordem, no controlo social (que caracterizou a sociedade industrial, fordista), ainda que estes últimos princípios continuem a ter alguma influência na regulação da cidade à noite. Para além disto, considera que a regulação da cidade à noite assenta em quatro dimensões: legal, técnica, económica e sociocultural. Num enquadramento legislativo de âmbito nacional (legal), em circuitos de videovigilância (técnica), nos preços praticados nas entradas e nas bebidas (económica) e nos estilos culturais e musicais, bem como nos códigos de indumentária ou de simbolização do corpo (sociocultural) LOVATT e O'CONNOR (1995) recordam que o convite à transgressão é central na sociedade de consumo contemporânea e foi marginal na cidade fordista centrada no trabalho, sendo a noite um tempo para consumir, um tempo para se ser algo que o dia-dia não deixa ser, um tempo para encontrar pessoas que nunca se encontrariam, para se fazerem as coisas que as instituições de controlo (família, tribunais, igreja, polícia) desaconselham.

O controlo por parte das autoridades locais dos espaços públicos urbanos faz-se cada vez mais com o recurso a sistemas electrónicos de vigilância. A videovigilância que começou por se generalizar nos espaços privados de uso público está cada vez mais presente nos espaços públicos ao ar livre, nas praças e nas ruas das cidades, designadamente nos centros históricos, mas também nas auto-estradas, à entrada das cidades (permitindo conhecer e gerir os fluxos de tráfego), nos parques de estacionamento, nos transportes públicos, nos táxis (que, em Portugal, pela Lei n.º 33/2007 de 13 Agosto podem instalar e utilizar câmaras de videovigilância e activá-las em situação de risco). Estas medidas excepcionais de vigilância que tem fundamentalmente uma função preventiva e dissuasora do crime, tendem a generalizar-se, crescendo em Portugal o número de pedidos submetidos ao Ministério da Administração de Interna e os pareceres da Comissão Nacional de Protecção de Dados. Assim sucede após a criação do enquadramento legal, Lei n.º 1/2005, de 10 de Janeiro⁴, mas fundamentalmente após a aprovação do projecto pioneiro, implementado na cidade do Porto, mais concretamente na Ribeira, em Janeiro de 2008, pela Associação de Bares da Zona Histórica do Porto (ABZHP). Esta iniciativa, a primeira do género em Portugal, evidencia bem a importância da segurança para a EN e a mobilização dos investidores privados para colaborarem na governância da cidade à

⁴ Legislação relativa à utilização de vigilância com câmaras de vídeo para efeitos de segurança em locais públicos de utilização comum.

noite. Estas medidas promovem a segurança dos residentes, dos comerciantes e dos turistas, se bem que a proximidade de uma sociedade *bigbrotheriana* possa tornar menos *bondosas* todas estas tecnologias.

De acordo com WILLIAMS (2008) a cultura ocidental privilegia a observação, como mecanismo de controlo social. Para CRESSWELL (1998) a lógica que prevaleceu à iluminação das ruas, ou seja, a função de disciplinar, de criar ordem pública à noite, é hoje extensível à videovigilância. Estes sistemas começaram por ser adoptados nos países anglo-saxónicos, designadamente em Inglaterra (GWIAZDZINSKI, 2005). O primeiro sistema de videovigilância na via pública instalado na Grã-Bretanha data de 1985, sendo posteriormente adoptado por muitas cidades no âmbito dos projectos de revitalização (OC e TIESDELL, 1997), visando controlar os espaços públicos urbanos, designadamente no tempo da noite. Isto sucede não só em cidades inglesas como Newcastle, Birmingham, Glasgow, mas também em várias cidades europeias: Roma, Lyon, Madrid, Berlim, Budapeste, Copenhaga, Viena, Londres e Oslo, para referir apenas algumas. Um projecto de investigação, relativamente recente⁵, comparou os sistemas de videovigilância implantados nestas sete últimas cidades europeias. Para CHATTERTON (2002) estes sistemas alteraram a experiência individual da rua. Em alternativa, todos aqueles que se opõem à implantação destes circuitos de observação propõem outras estratégias que passam por um auto-policiamento, repovoando as ruas do centro das cidades, diversificando as actividades económicas e aumentando a responsabilidade cívica. Um dos efeitos perniciosos do uso de tecnologia de videovigilância é que muitas das vezes a criminalidade realocaliza-se no espaço urbano, para além de haver o risco de um maior distanciamento entre a polícia e as pessoas. Aliás, a presença de câmaras pode ser interpretada como modo de classificação de área de risco acrescido ou, inversamente, o entendimento de que as áreas sem câmaras são inseguras (OC e TIESDELL, 1997). De uma maneira ou de outra, pode acontecer alguma inibição na fruição do espaço urbano, parecendo evidente que, só por si, a videovigilância é um processo demasiado impessoal, invasivo e intimidatório. De facto, a observação por videovigilância (CCTV - *Closed-Circuit Television*) reduz a

liberdade individual. A sua eficácia carece, então, de se combinar com outras medidas mitigadoras do crime e potenciadoras da percepção de segurança no espaço público, designadamente: a reabilitação do património construído, a diversificação funcional, o aumento da função residencial, o policiamento efectivo, a videovigilância em parques de estacionamento, em estabelecimentos comerciais, em estabelecimentos de diversão nocturna.

A promulgação da legislação que enquadra a videovigilância em Portugal é relativamente recente, reflectindo bem como este tema tem entrado na agenda da governância dos espaços públicos urbanos portugueses. Na cidade de Coimbra foi aprovada a implantação, nos lugares assinalados na Figura 1, de doze câmaras de videovigilância (de um total de dezassete, propostas no projecto inicial), monitorizadas, em tempo real, pela Polícia de Segurança Pública (PSP). Este sistema estará em funcionamento das 20 horas às 8 horas, período em que encerram as actividades comerciais e em que a área central, hoje mais desprovida da importante função residencial, está mais vulnerável aos riscos sociais. Na área do centro histórico, em que o património edificado se encontra em alguns locais muito degradado, em que as características da morfologia urbana herdada, que entrecorta a visibilidade e afunila a circulação de pessoas, em que há uma elevada compacidade, com os espaços livres e os de circulação a apresentarem um traçado estreito e irregular, condicionando ou impossibilitando a circulação automóvel, a percepção de situações de risco surge acrescida em relação a outros espaços urbanos.

Cerca de 36,8 % da criminalidade registada nesta área da cidade, no ano de 2007, visou os estabelecimentos comerciais. Todavia os furtos, a forma de criminalidade mais usual neste espaço, registaram-se também em viaturas e em residências. As situações de confrontos directos com roubo por esticção ou outro tipo de roubo na via pública ou espaços públicos estão também presentes como forma de criminalidade. Não deixa de ser interessante, e preocupante, constatar que mais de metade da criminalidade nesta área da cidade ocorre precisamente durante a noite⁶, 61,4 %, ou seja 167 crimes de um total de 272⁷. Parece-nos, por tal tipo de incidência, que a proposta de criar uma cortina de videovigilância entre a malha urbana e a margem direita do rio Mondego, centrando-se o seu

⁵ Desenvolvido pelo *Centre for Technology and Society, Technical University of Berlin*, e que pode ser consultado em <http://www.urbaneye.net>, Intitulado *On the Threshold to Urban Panopticon? Analysing the Employment of CCTV in European Cities and Assessing its Social and Political Impacts*, e que foi editado, em 2007, pela Comissão Europeia <http://cordis.europa.eu/documents/documentlibrary/100123891EN6.pdf>

⁶ O período de tempo aqui considerado é o que está compreendido entre as 20 horas e as 8 horas.

⁷ Os dados da criminalidade aqui apresentados são os que constam do Parecer da Comissão Nacional de Protecção de Dados, emitido em 12 de Dezembro de 2008, p. 17.

perímetro na Baixa é pertinente e adequada. Saliente-se que na Alta, por seu turno, ficam a descoberto extensas áreas de espaços públicos que apresentam uma vulnerabilidade considerável e onde é fundamental um policiamento personalizado de proximidade, essencialmente se se atender ao traçado irregular, geomórfico que caracteriza esta área mais consolidada de cidade, em que as quebras de perspectiva são frequentes o que condiciona a eficácia destes sistemas.

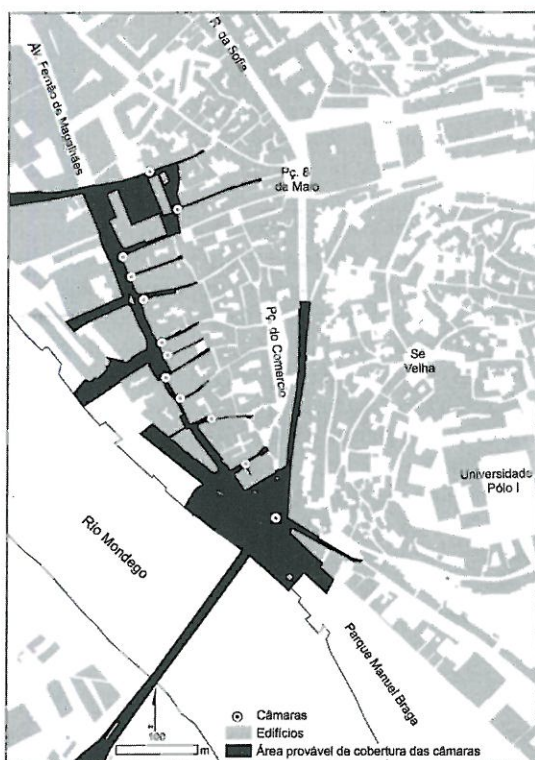


Figura 1

Localização provável das câmaras de videovigilância do espaço público de circulação, a implantar na Baixa da cidade de Coimbra, e área provável de cobertura, proposta de 2008.

(Fonte: Elaboração própria tendo por base a localização das câmaras de videovigilância cedida pela Câmara Municipal de Coimbra, Gabinete para o Centro Histórico, em Novembro de 2008 e o Anexo I do Parecer da Comissão Nacional de Protecção de Dados.)

A noite e o lazer em Coimbra, a tradição, a renovação urbana e os ritmos da cidade

Cada localidade tem ritmos e rituais próprios (HOLLANDS e CHATTERTON, 2002). A vida nocturna, numa cidade universitária, apresenta ritmos, rotinas e rituais próprios (CHATTERTON e HOLLANDS, 2003), e Coimbra não é excepção, com especificidades em

termos de lazer nocturno e de EN. A Universidade condiciona grandemente a organização física do espaço, a composição social da população e o dinamismo económico e cultural da cidade no seu policentrismo (Alta/Baixa/Solum/Vale das Flores/Celas). A par disto, nestes primeiros anos do século XXI, tem adquirido novas dinâmicas físicas e culturais valorativas do espaço público, da EN, da imagem da cidade. Destaquem-se, a título meramente de exemplo, as intervenções no âmbito do Programa Polis, nomeadamente, o resgatar o rio para a cidade tendo, na criação do Parque Verde do Mondego - espaço que apresenta uma grande atractividade em termos de actividades de recreio e de lazer -, a sua expressão de maior significado. Junta-se a isto, contudo, também o facto de ter sido Capital Nacional da Cultura em 2003, o surgimento de novos complexos comerciais que criaram ou reforçaram as centralidades urbanas (*Dolce Vita Coimbra*, em 2005, *Fórum Coimbra*, em 2006). Estes factos foram importantes na redefinição dos espaços de lazer e de consumo na cidade, nomeadamente à noite.

A vida urbana nocturna, em que se inserem os bares e clubes nocturnos, assume uma grande importância na biografia individual, na passagem para a vida adulta (NORTHCOTE, 2006). O alargamento de uma classe média, o aumento da escolaridade, a democratização do acesso ao ensino superior, levou um número crescente de jovens a afastarem-se fisicamente dos seus progenitores e a desvincularem-se das regras morais e comportamentais que enformam a adolescência e a juventude, beneficiando de alguns recursos financeiros para consumir e para aceder a formas de cultura oferecidas pela noite. A EN na cidade de Coimbra está por tradição orientada para os jovens adultos, estudantes universitários, sendo que os maiores eventos anuais nocturnos, a *Queima das Fitas* e a *Festa das Latas*, são dinamizados pela academia.

No levantamento e georeferenciação dos lugares de oferta de lazer nocturno existentes na cidade de Coimbra, e a que já se fez referência, foram contabilizados 412 estabelecimentos. A análise da composição desta oferta permite concluir que estão, como seria de esperar, sobrerrepresentados os restaurantes (60,4 %) e os cafés (20,4 %), apresentando estes uma distribuição mais ubíqua no espaço. A maior frequência de uso e a vulgaridade da função explicam o padrão espacial. No que diz respeito aos restaurantes a sua oferta aumenta nas principais centralidades urbanas: na Baixa, na Praça da República, em Celas, em S. José/Solum. Mas é a Baixa da cidade que continua a apresentar uma extensa oferta que se densifica nos arruamentos da Baixinha, mas que encontra um alinhamento importante que se estende desde o Parque Manuel Braga, ao

longo da Avenida Fernão de Magalhães, até à Rua do Padrão (próximo da estação ferroviária de Coimbra B). Nela coexiste uma oferta tradicional que teve dificuldade em se ajustar à mudança nas concepções de design e novos restaurantes que têm investido na modernização dos espaços e na diferenciação da oferta. Os restaurantes temáticos e/ou étnicos, designadamente chineses, italianos, marcam presença neste espaço. Na margem esquerda destacam-se duas importantes centralidades o Rossio de Santa Clara e o complexo comercial *Fórum Coimbra*. De facto, nos novos complexos comerciais é ampla a oferta de espaços para comer (praças de restauração), aqui encontra-se uma multiplicidade de restaurantes temáticos que se combinam com o *fast food*, para além da possibilidade de comer ao ar livre e, no caso do *Fórum Coimbra*, de poder desfrutar, no amplo terraço, de uma vista panorâmica sobre a cidade. De realçar a atractividade que apresenta a Praça da República, lugar onde se fixam estabelecimentos e marcas de *fast food* que integram cadeias mundiais, como a *Pizz Hut* ou a *McDonald's* e que complementam uma oferta de pequenas empresas de restauração locais. As cadeias internacionais de distribuição de *fast food*, chegam à cidade nos anos 90 do século XX, mas expandem-se significativamente nos primeiros anos do século XXI. Esta estratégia de implantação espacial resulta na criação de *clusters* e permite beneficiar de economias de aglomeração (TIESDELL e SLATER, 2006).

Os cafés apresentam um padrão de oferta muito mais disperso pelo espaço urbano, ainda que esta se densifique em torno da Praça da República e da Avenida D. Afonso Henriques. Eles pulverizam o espaço urbano, marginando as principais artérias de circulação e marcando presença nas áreas residências e comerciais.

Às ofertas apresentadas contrapõe-se a oferta das salas de cinema (3,9 %) (estas, hoje, claramente associadas aos complexos comerciais a que já se fez referência, o Centro Comercial *Dolce Vita Coimbra* oferece dez salas de cinema e o Centro Comercial *Coimbra Fórum* seis) e de teatros (2,2 %), com um padrão mais dispersos pelo espaço urbano, quando comparado com as salas de cinema, mas quase sempre a assinalarem importantes centralidades na noite. Os antigos espaços que promoviam estas ofertas na cidade fecharam: o *Cine-Teatro Avenida* (na avenida Sá da Bandeira), o *Cine-Teatro Tivoli* (na avenida Emídio Navarro) e o *Cinema Girassolum* (no Centro Comercial Girassolum), já para não falar do Teatro Sousa Bastos (localizado na Alta). Mas, neste início de século, surgiram na cidade novos espaços, construídos de raiz, que ampliaram a oferta cultural na cidade, de que são exemplo, em 2002, a *Oficina Municipal de*

Teatro, localizada no Vale da Flores, numa das novas centralidades da cidade e, em 2004, o *Teatro da Cerca de S. Bernardo*, localizado na Baixa. De grande significado são também os bares e os *pubs*, que representam 11,9 % da oferta, e as discotecas 1,2%. Esta oferta apresenta um padrão espacial peculiar. Está claramente localizada na envolvente do Pólo I da Universidade, na Alta, no Largo da Sé Velha, na Praça da República e nas ruas que desta divergem, nomeadamente na Avenida Sá da Bandeira. Como se pode perceber trata-se de espaços com uma forte identidade e tradição de vida boémia. Como num outro momento já tivemos oportunidade de referir (SANTOS e MOREIRA, 2008) a oferta destes espaços está espacialmente ancorada em espaços públicos que por tradição têm uma grande carga simbólica e cultural e, por isso mesmo, identitária; temporalmente esta oferta também é diferenciada, durante o dia são espaços encerrados, que passam despercebidos (Figura 2), abrem, geralmente, durante a tarde, mas quase sempre no final desta. Lugares discretos durante o dia mas que ganham vidas próprias e diferenciadas com a noite, pelos ambientes que criam, pelas clientela que atraem, proporcionando experiências de lazer associadas ao álcool, à música, ao encontro com os outros, e ao desencontro com o que se é durante o dia. Estes lugares vivem da noite e dão vida à noite. Procuram criar diferentes cenários (às vezes combinando vários ambientes decorativos, musicais... num mesmo lugar) e desenhar assim uma oferta que responda às subculturas em que se subdivide a procura (CHATTERTON e HOLLANDS, 2003; GOTTDIENER e BUDD, 2005; WILLIAMS, 2008). Efectivamente, os lugares de lazeres nocturnos, designadamente os bares, *pubs* e discotecas, têm uma importante função de construção e integração identitária (HENRIQUES e FEIO, 1995; SANTOS e MOREIRA, 2008), sendo importantes nesta fase de transição que marca o ciclo de vida individual.

A procura, obtida através de um questionário indicativo dos lugares frequentados pelos jovens adultos universitários, acaba quase sempre por reflectir a espacialidade da oferta (Figura 3). A procura de restaurantes (Figura 3A) faz-se fundamentalmente na margem direita do rio Mondego, já que na margem esquerda apenas adquire expressividade o complexo comercial *Fórum Coimbra*. Na margem direita destacam-se o centro comercial *Dolce Vita Coimbra*, a *McDonald's* de S. José, a Praça da República e a Rua do Padrão. A Baixa da cidade e o Vale da Flores apresentam também uma procura menos concentrada, mas assinalável. A procura de cafés (Figura 3B) tem um padrão espacial muito centrado na Alta e na Praça da República, os espaços de eleição para os jovens adultos questionados. Estes revelam também uma preferência pelos cafés implantados em S. José/Solum, e

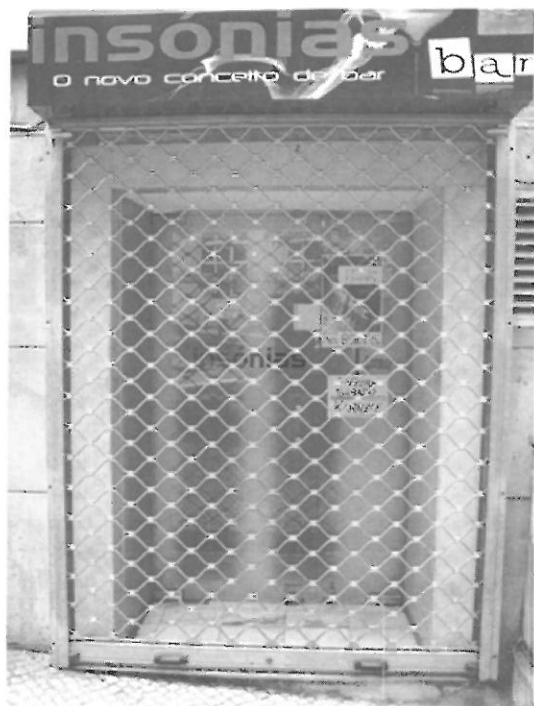


Figura 2

Bares da cidade de Coimbra. *Insónias Bar* e *Bugatti Bar*, ambos localizados na Avenida Sá da Bandeira, e o *Sev'n Bar*, que se situa na Rua António de Vasconcelos.

ligados aos centros comerciais *Dolce Vita Coimbra* e *Girassolium*.

A procura de cinemas e de teatros (Figura 3C) é muito localizada no espaço. São fundamentalmente os novos complexos comerciais que polarizam as clientelas, cujas escolhas de lazer assentam, significativamente, na cultura popular, designadamente as clientelas jovens que elegem a sétima arte nos seus tempos de lazer nocturno. Nestas procuras surge realçado o centro comercial *Dolce Vita Coimbra*, amaior oferta de salas de cinema e consequentemente de filmes, como se referiu acima. A sua localização espacial e as facilidades de transportes públicos ajudam a explicar esta preferência espacial. Não é de estranhar a atractividade destes complexos comerciais pois, de acordo com HUBBARD (2003), estes espaços estão associados a várias sensações corporais de prazer e a experiências variadas, que se procuram com uma ida ao cinema. O ambiente é climatizado, o som é envolvente (360° de som digital), abrindo-se nestes espaços o leque de ofertas de lugares de restauração. Estas, para além de outras facilidades (de segurança, de estacionamento, de *child care*...), concorrem para explicar estas procuras. Associado a estes complexos comerciais estão centros de diversão e outras actividades de lazer. No caso do centro Comercial *Fórum Coimbra*, por exemplo, existe

um *Fun Center* e um *Bowling*. De salientar também a procura pelo Teatro Académico Gil Vicente (TAGV). Este espaço, voltado para as artes e para a cultura, apresenta uma programação diversificada, abrangendo vários públicos mas, também pela sua propriedade institucional e localização espacial, assume-se como espaço de eleição da academia, conseguindo no entanto atrair outros públicos, nomeadamente residentes na cidade de Coimbra e nos lugares que a envolvem.

Relativamente à procura de bares, *pubs* e discotecas os lugares de procura são relativamente variados mas circunscritos no espaço que se estende da Avenida D. Afonso Henriques até à Rua da Manutenção Militar, incluindo a Praça da República e a Avenida Sá da Bandeira. Uma procura já assinalável surge na margem direita junto ao rio, no Parque Verde do Mondego. A merecer referência está igualmente a procura na margem esquerda, em Santa Clara onde há alguma tradição na oferta destes espaços de lazer nocturnos.

Metodologia

A análise espacial (*spatial analyst*) foi a metodologia adoptada para determinar as centralidades do lazer nocturno na cidade de Coimbra, aplicada a partir

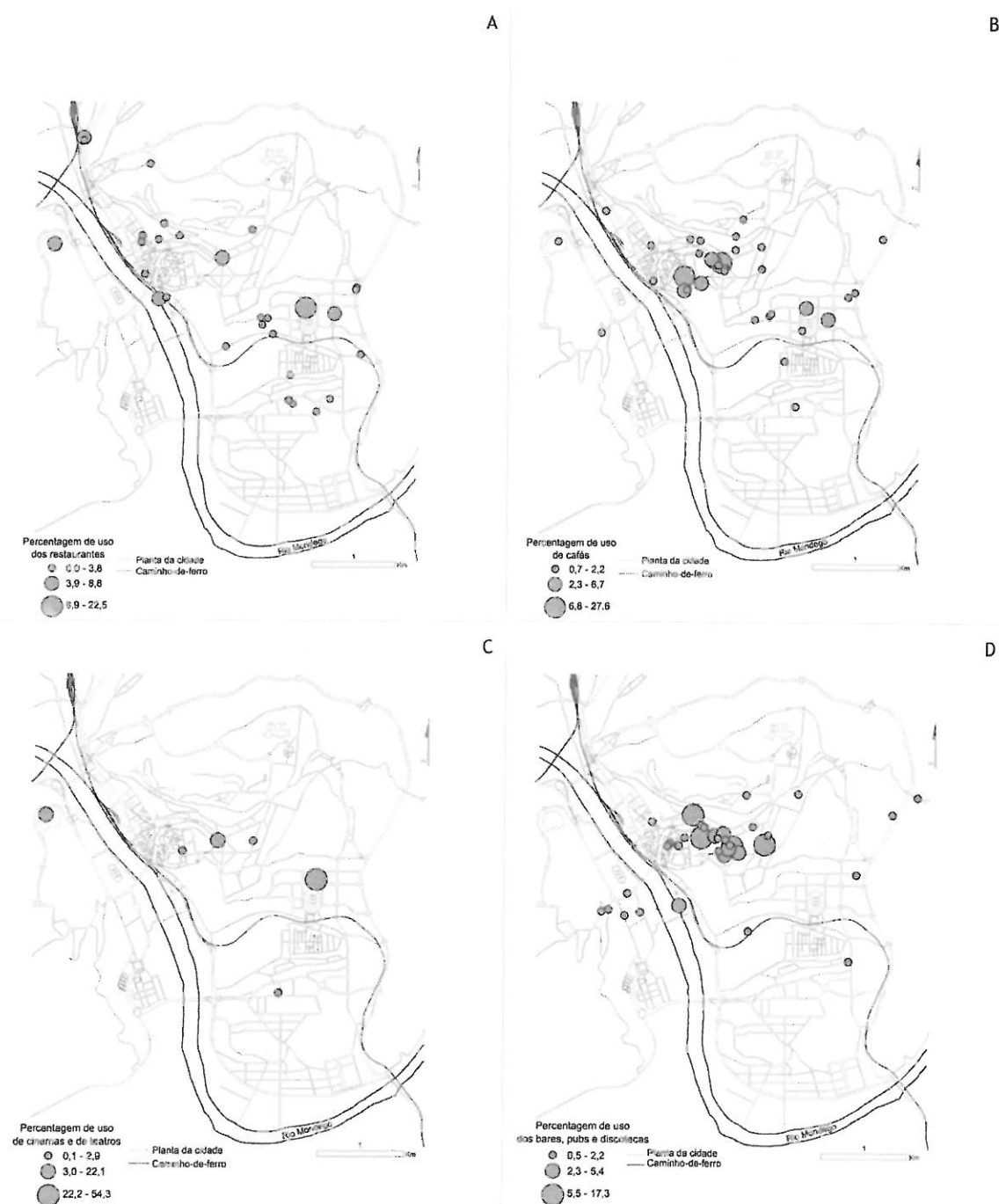


Figura 3

Lugares de procura de espaços de lazer nocturnos na cidade de Coimbra, por parte de jovens adultos universitários: A - restaurantes; B - cafés; C - cinemas e teatros; D - bares, *pubs* e discotecas.

(Fonte: Inquéritos às actividades de lazer nocturno entre os jovens adultos estudantes universitários na cidade de Coimbra, em Dezembro de 2006)

da utilização de *software* de Sistemas de Informação Geográfica (*ArcMap* 9.3). Esta análise espacial foi realizada a partir de um levantamento funcional que possibilitou a georeferenciação dos cafés, dos restaurantes, das salas de cinema, dos teatros, dos bares, dos *pubs*, das discotecas e dos clubes nocturnos na cidade de Coimbra. Para além da possibilidade de conhecer o padrão de distribuição espacial da oferta foi possível conhecer a procura destes lugares integrados na economia da noite através da inquirição de jovens-adultos universitários, como já foi referido acima.

Os estabelecimentos de lazer nocturno objecto de levantamento foram agrupados em oito temas: i) oferta de cafés, ii) oferta de restaurantes, iii) oferta de bares, de *pubs* e de discotecas, iv) oferta de cinemas e de teatros; v) procura de cafés; vi) procura de restaurantes, vii) procura de bares, de *pubs* e de discotecas, viii) procura de cinemas e de teatros. Para cada um destes oito temas foi determinada a densidade (*kernel density*). De seguida procedeu-se a uma reclassificação (*reclassify*) de cada um dos temas. Nesta reclassificação dos temas as ponderações variaram entre um e nove. Atendendo a que as maiores densidades da oferta e da procura significavam maiores potencialidades do ponto de vista da determinação das centralidades de lazer nocturnas na cidade de Coimbra, o valor 1 foi atribuído à classe que apresentava menores valores de densidade e o valor 9 à classe que apresentava maiores valores de densidade. A Figura 4 ilustra estes procedimentos metodológicos. Posteriormente os temas *raster* reclassificados foram objecto de combinação, de ponderação e de cálculo espacial (*raster calculator*).

No âmbito da ponderação do padrão de distribuição da oferta e da procura dos estabelecimentos de lazer nocturnos, a cada um dos oito temas foi atribuída uma percentagem de influência que se apresenta sintetizada no Quadro I. Esta, como toda e qualquer ponderação, não está isenta de subjectividade. Ainda assim, a definição de um critério na atribuição de pesos diferenciados aos temas em análise se convergir com a intenção que está subjacente à aplicação da metodologia de análise espacial concorre para optimizar os resultados finais. Assim, atendendo a que o objectivo principal da aplicação desta metodologia de análise espacial era identificar as centralidades do lazer nocturno na cidade de Coimbra, parte-se do princípio que os lugares da oferta, e a própria estruturação da procura, apresentam temporalidades diferenciadas na noite. Os ritmos da vida urbana, numa sociedade ocidentalizada, como aquela que nos enquadra, levam a uma itinerância pelos lugares de lazer que começa ao início da noite nos restaurantes, que encontra continuidade nos cafés, que procura a evasão e a formação cultural nos cinemas e nos teatros e que termina nos bares, *pubs* e discotecas.

Há pois uma cadência temporal na procura que é determinante para a regulação do funcionamento da oferta desta distribuição. Foi com base neste entendimento que se sobrevalorizou, de forma crescente, a oferta e a procura das actividades que entram noite dentro, cabendo a menor percentagem aos restaurantes e a maior percentagem aos bares, *pubs* e discotecas (Quadro I). Cada percentagem foi dividida por 100 no sentido de normalizar os valores (Quadro I).

Quadro 1

Ponderação da oferta e da procura dos estabelecimentos de lazer nocturno na cidade de Coimbra para, no âmbito da análise espacial, efectuar o cálculo dos temas em formato *raster* e determinar as centralidades de lazer na noite.

		%	Normalização
Oferta	Restaurantes	5	0,05
	Cafés	10	0,1
	Cinemas e teatros	15	0,15
	Bares, <i>pubs</i> e discotecas	20	0,2
Procura	Restaurantes	5	0,05
	Cafés	10	0,1
	Cinemas e teatros	15	0,15
	Bares, <i>pubs</i> e discotecas	20	0,2
		100	1

O resultado final da aplicação desta metodologia de análise espacial (*output raster dataset*) é ilustrado pela Figura 5. Na cidade de Coimbra a distribuição e o consumo da noite estão relativamente concentrados, apesar de ser notória a tendência para um policentrismo e para uma descentralização, designadamente para as áreas residenciais, sendo por isso de equacionar o possível conflito com os residentes. Na cidade têm-se multiplicado os espaços de atracção nocturnos. A Praça da República e a Alta são as duas centralidades de lazer mais significativas na noite da cidade de Coimbra. A primeira assume maior expressão espacial, distende-se pela Avenida Sá da Bandeira, e é coalescente com duas outras centralidades: a da Alta (que mantém a atractividade tradicional) e a da Avenida D. Afonso Henriques, esta última com menor dimensão espacial e expressão social. Este espaço quase contínuo revela uma especialização funcional em termos de actividades de lazer nocturno.

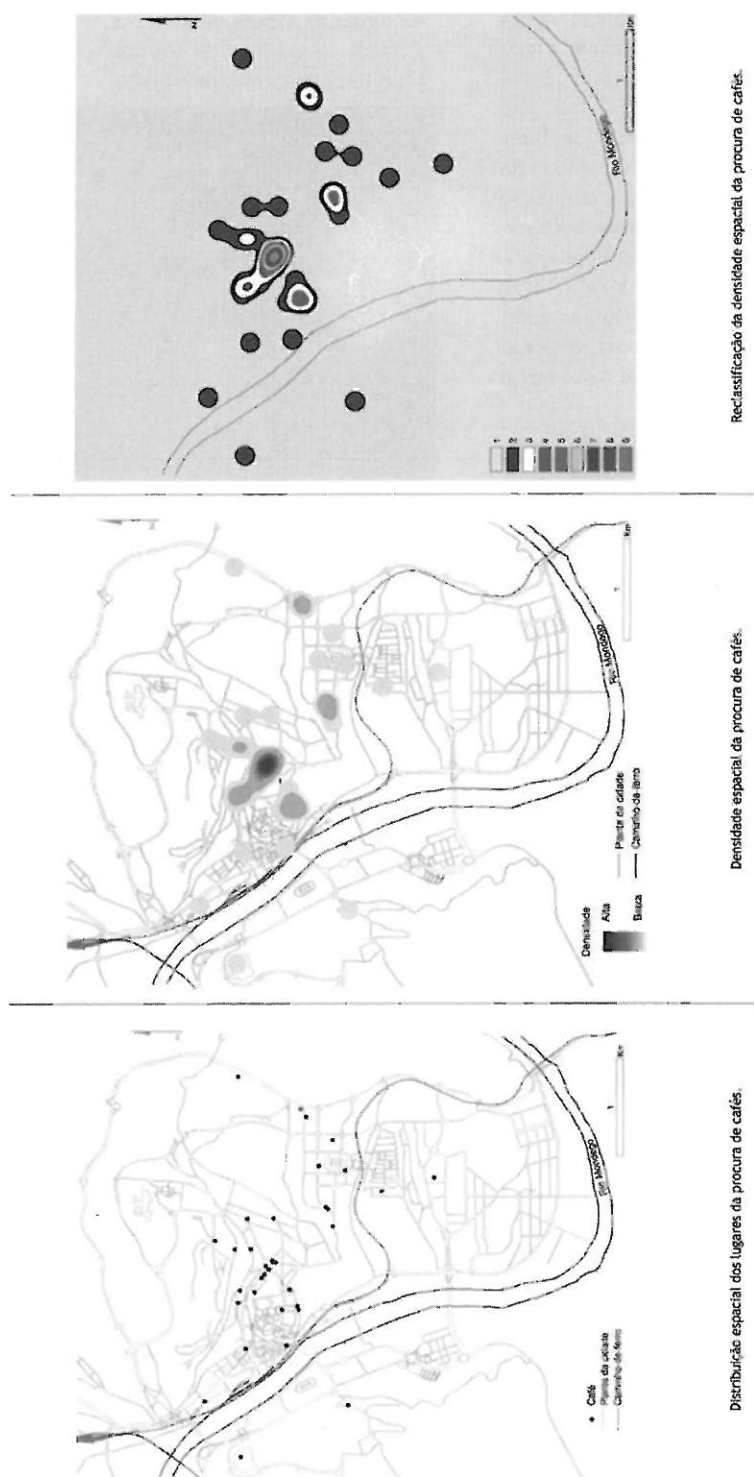


Figura 4

Exemplificação dos procedimentos metodológicos seguidos, através da representação da distribuição espacial, da densidade espacial e da reclassificação da densidade espacial dos lugares de procura de cafés, na cidade de Coimbra

em termos de actividades de lazer nocturno. Para além destas centralidades na cidade de Coimbra desenha-se um arquipélago de pequenas centralidades que se vão autonomizando à medida que nos vamos afastando para as margens ou franjas urbanas e que competem com os espaços mais tradicionais. Entre elas destacam-se os novos complexos comerciais que congregam no mesmo lugar várias ofertas de lazer nocturno numa estreita relação com o comércio. Na margem direita do rio Mondego começa a afirmar-se uma das mais recentes centralidades de lazer nocturno na cidade de Coimbra: o *Parque Verde do Mondego*. A intervenção nesta área da cidade levou à valorização social de um espaço que era marginal, que não apresentava motivos de atracção para as pessoas, entalado entre a linha de caminho-de-ferro o/ramal da Lousã/ e o rio Mondego.

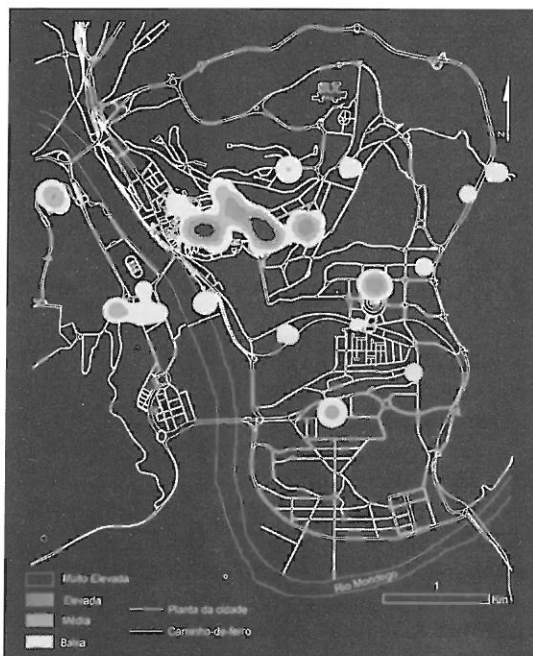


Figura 5
Centralidades de lazer nocturno na cidade de Coimbra

Nas centralidades urbanas as praças são os espaços públicos urbanos mais propícios ao encontro social. Para elas convergem diferentes grupos sociais em diferentes momentos do dia e da noite, enchem-se e esvaziam-se de pessoas em cadências pouco ritmadas mas marcadas pela casualidade dos eventos que são promovidos no espaço urbano. A Praça 8 de Maio e a Praça da República (Figura 6) são importantes referências para os transeuntes, também da noite, na cidade de Coimbra. Em torno destes espaços gravita uma ampla oferta de lugares de lazer nocturnos. A

dimensão e a iluminação destas praças aumentam os níveis de confiança individuais.

Conhecidas que estão as centralidades de lazer nocturnas na cidade de Coimbra, importa ver como se ajustam os serviços de transportes públicos urbanos aos diferentes ritmos da cidade.



Figura 6
Praça 8 de Maio acima e Praça da República, pontos de encontro na noite da cidade de Coimbra.

À noite diminui, tendencialmente, a oferta de prestação de serviços e a cobertura espacial dos mesmos, as funcionalidades da cidade contraem-se, a cidade cresce. A oferta de transportes públicos urbanos ilustra bem a afirmação precedente. Uma análise da frequência de linhas dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC), segundo as horas do dia, numa análise que totaliza a oferta da rede central e da rede complementar, evidencia um decréscimo muito significativo da oferta a partir das 20 horas, que decai para uma prestação mínima entre as 21 horas e a 1 hora da manhã, momento em que estes serviços são suprimidos para serem retomados às 5 horas da manhã (Figura 7). O efeito de "bossas de camelo" está bem ilustrado, evidenciando os ritmos desta cidade de média dimensão: os picos de mobi-

lidade ocorrem ao início da manhã (sendo este pico relativamente restrito no tempo, entre as 7 e as 9 horas), no final do dia as mobilidades são mais distendidas no tempo, ocorrendo entre as 16 e as 20 horas, não sendo negligenciável o aumento da mobilidade na hora de almoço. A oferta de transportes públicos ajusta-se assim a uma diminuição da procura e reduz-se significativamente no princípio da noite. Os transportes públicos tornam-se mais inseguros, menos frequentes, os percursos pedestres na cidade até uma paragem mais perigosos, os tempos de espera são maiores, as paragens são desconfortáveis, quase sempre pouco iluminadas e expostas aos riscos do espaço público na noite. A utilização de veículos mais pequenos, ligando as centralidades de lazer nocturnas às áreas residenciais, um circuito de vigilância nas paragens que servem estas centralidades, a indicação de tempos de espera previstos, a aplicação de dispositivos que permitissem solicitar o transporte público, poderiam ser algumas das medidas a implementar para aumentar o uso dos transportes públicos à noite, e torná-los mais rentáveis.

Em termos de configuração espacial a rede central de serviços de transportes públicos envolve exteriormente a Este todo o contínuo urbano (Fig. 8). Ramifica-se a Norte para a área industrial e residencial de Eiras e a Oeste para a periferia urbana da margem esquerda. Assegura, para além disto, a ligação entre as áreas funcionais que estruturam o espaço urbano, densificando-se e intensificando a frequência nas áreas mais densamente ocupadas e funcionalmente dinamizadas. O Eixo Avenida Fernão de Magalhães - Avenida Emídio Navarro - Largo da Portagem - Avenida da Lousã apresenta-se como estruturante, figurando entre os alinhamentos urbanos que apresentam maior frequência de transportes públicos. O facto de conectar esta rede central com outros terminais de transportes públicos: estação ferroviária de Coimbra B, terminal rodoviário da Casa do Sal, estação ferroviária de Coimbra A, estação do Parque integrada no ramal da Lousã, bem como os maiores parques de estacionamento que servem a cidade, impõe uma maior frequência de transportes públicos. A partir deste eixo que margina a Baixa, o principal núcleo de comércio e de serviços (públicos e privados) da cidade de Coimbra, estrutura-se um importante alinhamento que liga a Baixa à Praça da República. A Avenida Sá da Bandeira é essencial nesta ligação à Alta da cidade sendo a partir desta Praça que a rede se estrutura para Celas e para S. José/Solum, duas importantes centralidades urbanas dinamizadas pela combinação das funções residencial, comercial e de serviços. Estes últimos são diferenciados nas várias centralidades. O núcleo de Celas está ancorado nos serviços de saúde e no Pólo III da Universidade enquanto o núcleo S. José/Solum está centrado nos

serviços de educação, concentrando equipamentos como a Escola Superior de Educação e vários estabelecimentos de ensino de nível Básico e Secundário. É notória a fraca dotação de serviços de transportes públicos no núcleo que actualmente se estrutura no Pólo II da Universidade e na sua envolvente. Esta nova centralidade da cidade, em fase de construção e de consolidação, apesar de começar a gerar fluxos de pessoas, a sua fraca acessibilidade conduziu a que a mobilidade diária para esta área assentasse, até agora, quase exclusivamente, na utilização do transporte individual, sendo a articulação com a restante rede de transportes públicos linear e circunscrita ao dia.

À noite a capilaridade da rede central restringe-se significativamente, decresce a oferta de serviços municipalizados de transportes urbanos, sendo notória uma redução do perímetro urbano que beneficia da cobertura da rede central dos transportes públicos, as áreas Sul e Norte da cidade perdem cobertura por parte destes serviços é o núcleo central que permanece servido.

Os lugares que constituem máximos da procura nas diferentes actividades de lazer nocturnas analisadas, restaurantes, cafés, cinemas, teatros, bares, *pubs* e discotecas, encontram-se em termos de cobertura espacial relativamente servidos pelos transportes públicos urbanos (Figura 9). É curioso verificar como a videovigilância prevista para funcionar durante a noite no espaço público de circulação se demarca espacialmente destas centralidades de lazer nocturnas e se vai localizar numa área socialmente mais vulnerável, parte dela em espaços de prostituição, menos frequentada pelos jovens adultos universitários que apresentam alguma selectividade espacial na escolha dos lugares de lazeres nocturnos.

Considerações finais

É essencial que as autoridades locais estimulem a oferta de lazer nocturno na cidade, criem condições para fixar investimentos públicos e privados inovadores e criativos, que reforcem a imagem da vida nocturna desta cidade universitária. Coimbra apresenta, pela tradição da vida boémia, um capital que não deve ser negligenciado. Importante também parece ser o facto de os pequenos investidores privados precisarem de se associar e desenvolver estratégias de promoção de uma imagem forte de lazer nocturno na cidade de Coimbra que, partindo da tradição, vá ao encontro do perfil cultural dos jovens adultos universitários, dos residentes na cidade, de uma clientela potencial de residentes na área de influência regional desta cidade, bem como dos turistas. Estas relações que precisam sempre da participação das entidades públicas e de valorizar as relações privado/público deverão ter nos

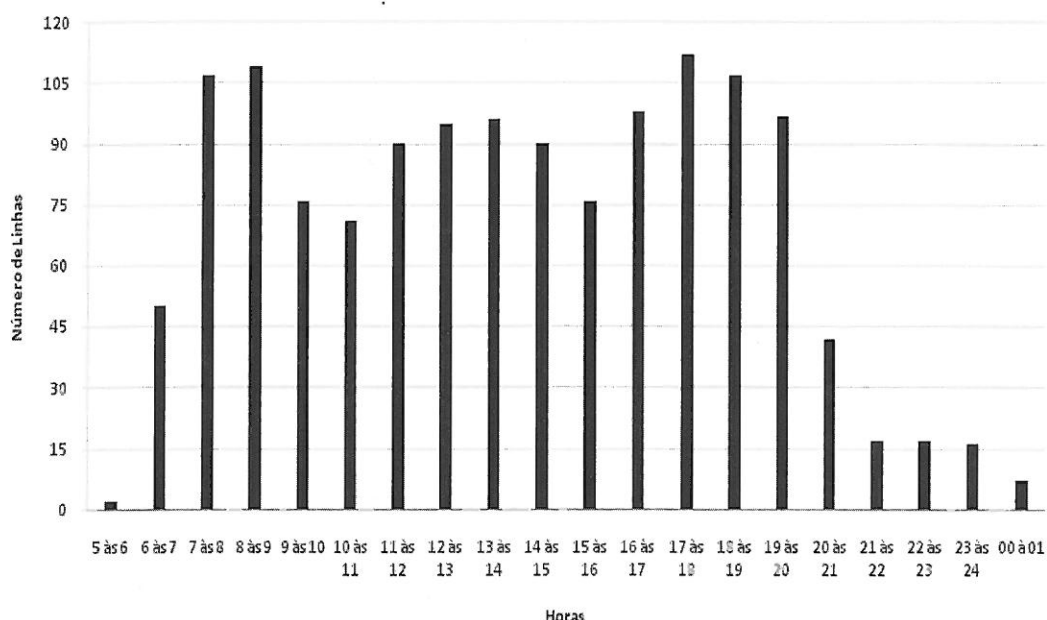


Figura 7

Frequência de carreiras dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC), rede central e rede complementar, num dia útil, em período escolar, em Dezembro de 2008.

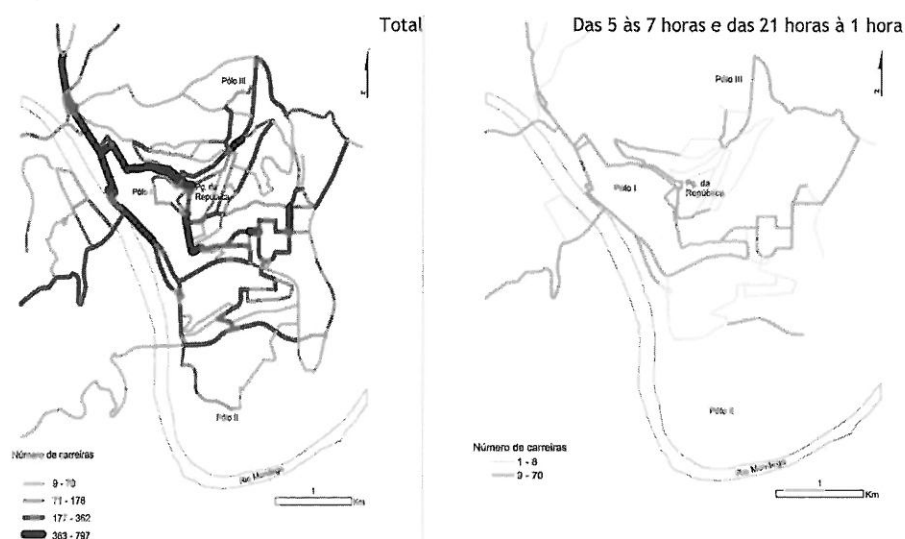


Figura 8

Número total de viagens que se efectuam nas linhas dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC), rede central, num dia útil, em período escolar, em 2008.

(Fonte: Elaboração própria com base na consulta dos horários dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra - SMTUC, Dezembro de 2008)

Bussiness Improvment District (BID) e no Main Street Program ou Town Center Management (gestão do centro da cidade) a sua ideologia fundamental. São vários os efeitos multiplicadores da EN na cidade contemporânea: por um lado, há uma estreita relação entre a economia da noite e a reabilitação/regeneração urbana, por outro lado, o aumento da oferta de lugares de diversão nocturna é importante pois aumenta a utilização do espaço público e, consequentemente, a segurança neste (ainda que possa aumentar a perturbação da ordem, sendo este o efeito perverso que deve ser minimizado).

A governância da cidade à noite envolve uma multiplicidade de actores locais (as autarquias, as entidades culturais, os responsáveis pela prestação dos serviços nocturnos, designadamente de transportes, os investidores privados, os consumidores/frequentadores da noite, principalmente os jovens, as autoridades policiais, os residentes) e de acções (conhecer as características da oferta da distribuição associada ao lazer nocturno, bem como o perfil da procura, regular a implantação espacial desta distribuição, licenciar os horários de abertura e de encerramento em função do tipo de entretenimento mas também da sua localização espacial, vigiar os espaços públicos e privados no sentido de manter a ordem e de fazer cumprir as leis). A noite é uma dimensão da vida urbana ainda pouco explorada, por vezes marginal e, também por isso, as actividades económicas que a dinamizam permitem-se a uma certa desregulação. É esta tendência que importa inverter para que os centros das cidades possam sobreviver da morte anunciada e para que se possa promover uma outra cidade: a cidade 24 sobre 24 horas.

A sociedade em geral, mas a urbana em particular, pode beneficiar dos Sistemas de Informação Geográfica. As tecnologias de análise espacial são essenciais no governo das cidades, qualquer que seja a sua dimensão. A combinação em ambiente SIG de informações sobre a dimensão social do espaço urbano - a oferta e a procura de espaços de lazer, as mobilidades -, são essenciais para conhecer os padrões espaciais e temporais de funcionamento da cidade e ajustar o planeamento do espaço urbano, alargando-o ao tempo da noite e potenciando a qualidade de vida da população. Integrar e combinar informação em Sistemas de Informação Geográfica, para além da manipulação de dados, resulta benéfica para o planeamento urbano. O maior óbice é sem dúvida a ausência de um sistema de informação geográfica que articule a informação das diferentes instituições que regulam a vida urbana, dependendo desta filosofia uma maior flexibilidade e eficiência na administração do espaço urbano.

É essencial que em Coimbra, à semelhança da-

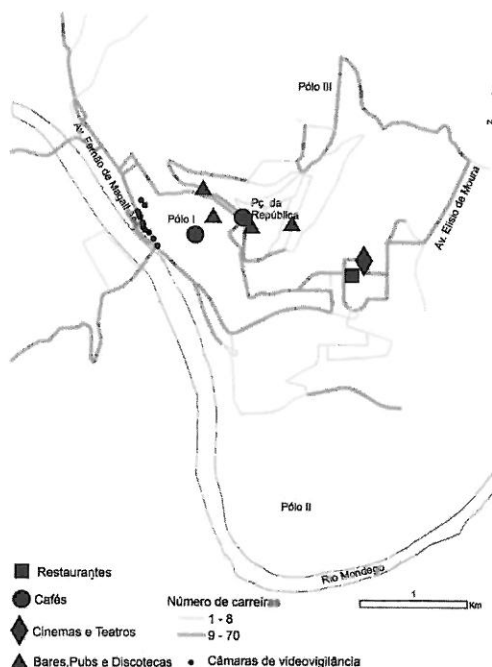


Figura 9

Número total de viagens que se efectuam nas linhas dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC), rede central, num dia útil, em período escolar, das 5 horas às 7 horas e das 21 horas à 1 hora, combinada com os valores máximos de procura de lazer nocturno na cidade de Coimbra e com a implantação espacial do sistema de câmaras de vigilância, a funcionar entre as 20 horas e as 8 horas.

quilo que tem acontecido noutras cidades europeias, como Leeds e Bristol, se promova uma cooperação crescente entre as autoridades locais e os agentes económicos privados promotores das actividades de lazer nocturno, no sentido de tornar seguro o espaço urbano na noite e de reduzir a expressão urbana das incivildades e, neste seguimento, importará avaliar num futuro próximo o efeito sobre os frequentadores da noite do sistema de videovigilância instalado no Centro Histórico. Agradece-se a colaboração ao Eng.º Sidónio Simões, Director do Gabinete para o Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra.

Bibliografia

- ALLEMAND, Sylvain (2005) - "Les rythmes de la ville". *Sciences Humaines*, 156, pp. 18-19.
- ALVES, Teresa (2006) - "Os espaços públicos e a arte da luz na construção da sustentabilidade das cidades". *In*

- JACINTO, R. e BENTO, V. (coords.) - Iberografias, 8, *O Interior Raiano do Centro de Portugal*, Campo das Letras, pp. 387-403.
- ALVES, Teresa (2007a) - "A noite, a cidade e a geografia das actividades económicas". In AA. VV. - *Geophilia. O sentir e os sentidos da Geografia*. Homenagem a Jorge Gaspar. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Lisboa, pp. 489-500.
- ALVES, Teresa (2007b) - "Art, light and landscape new agendas for urban development". *European Planning Studies*, 15 (9), pp. 1247-1260.
- ALVES, Teresa (2008) - "Noite e turismo: novas oportunidades para a inovação no território". In *Turismo, Inovação e Desenvolvimento*, Actas do I Seminário Turismo e Planeamento do Território, Edições Colibri, Lisboa, pp. 175-186.
- BIANCHINI, Franco (1995) - "Night cultures, night economies". *Planning Practice & Research*, 10 (2), pp. 121-126.
- BUREAU, Luc (1997) - *Géographie de la nuit*. L'Hexagone, Québec.
- CHATTERTON, Paul (2002) - "Governing nightlife: profit, fun and (dis)order in the contemporary city". *Entertainment Law*, 1 (2), pp. 23-49.
- CHATTERTON, Paul e HOLLANDS, R. (2002) - "Theorising urban playscapes: producing, regulating & consuming youthful nightlife city spaces". *Urban studies*, 1 (Jan), pp. 95-116.
- CHATTERTON, Paul e HOLLANDS, Robert (2003) - *Urban nightscapes: youth cultures, pleasure spaces and corporate power*. Critical Geographies, Routledge, London.
- CHATTERTON, Paul; BYRNES, Bernie C.; HOLLANDS, Robert e READ, Cait (sd) - *Changing our 'toon': youth, nightlife and urban change in Newcastle*. Newcastle University, Newcastle. A Discussion Paper.
<http://www.ncl.ac.uk/youthnightlife/ncl-sum.pdf>, consultado a 16 de Fevereiro de 2006
- COMISSÃO NACIONAL DA PROTECÇÃO DE DADOS (2008) - *Parecer sobre a autorização para a utilização de sistema de videovigilância no Centro Histórico da Cidade de Coimbra*. Emitido a 12 de Dezembro de 2008. <http://opinio.mai.gov.info/2008/12/19/videovigilancia-em-coimbra>, consultado a 8 de Fevereiro de 2009.
- CRANG, Mike (2001) - "Rhythms of the city: temporalised space and motion". In MAY, Jon e THRIFT, Nigel (eds.) - *Timespace geographies of temporality*, Routledge, London, pp. 187-207.
- CRESSWELL, Tim (1998) - "Night discourse. Producing/consuming meaning on the street". In FYFE, Nicholas R. (ed.) - *Images of the street: planning, identity and control in public space*. Routledge, London, pp. 268-279.
- GOTTDIENER, Mark e BUDD, Leslie (eds.) (2005) - "Nightlife and urban nightscapes", in *Key concepts in urban studies*, Sage, London, pp. 100-104.
- GWIAZDZINSKI, Luc (2000) - "La nuit, dernière frontière". *Les Annales de la Recherche Urbaine*, 87, pp. 81-88.
- GWIAZDZINSKI, Luc (2004) - "Penser l'espace, penser le temps". In VODOZ, GIAUQUE, Barbara Pfister e JEMELIN, Christophe - *Les territoires de la mobilité: l'aire du temps*, Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, Lausanne, pp. 317-340.
- GWIAZDZINSKI, Luc (2005) - *La nuit, dernière frontière de la ville*. L'Aube, Paris.
- HEATH, T. & STICKLAND, R. (1997) - "The twenty-four hour city concept". In OC, Taner e TIESDELL, Steven (eds.) - *Safer city centers: Reviving the public realm*, Paul Chapman, London, pp. 170-183.
- HENRIQUES, Eduardo Brito e FEIO, Paulo Areosa (1995) - "Os espaços de lazer nocturno: Algumas notas a propósito do caso de Lisboa". In Actas do II Congresso da Geografia Portuguesa *A Geografia Portuguesa, debater as mudanças, preparar o futuro* (II), Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa, pp. 467-477.
- HERMANN, Christopher e MAROKO, Andrew (2006) - "Crime pattern analysis. Exploring Bronx auto thefts using GIS". In MAANTAY, Juliana e ZIELER, John - *Gis for the urban environment planning*, ESRI Press, Redlands, California, pp. 409-413.
- HOLLANDS, Robert (1995) - *Friday night, Saturday night: youth cultural identity in the post industrial city*. <http://www.ncl.ac.uk/youthnightlife/HOLLANDS.PDF> Consultado a 12 de Fevereiro de 2009
- HOLLANDS, Robert e CHATTERTON, Paul (2002) - "Changing times for an old industrial city. Hard times, hedonism and corporate power in Newcastle's nightlife". *City*, 6 (3), pp. 291-315.
- HUBBARD, Phil (2003) - "A good night out? Multiplex cinemas as sites of embodied leisure". *Leisure Studies*, 22, pp. 255-272.
- HUBBARD, Phil (2007) - "The geographies of 'going out': emotion and embodiment in the evening economy". In DAVIDSON, Joyce; BONDI, Liz e SMITH, Mick (eds.) - *Emotional Geographies*, Ashgate, Aldershot, pp. 117-134.
- JAYNE, Mark; HOLLOWAY, Sarah L. e VALENTINE, Gill (2006) - "Drunk and disorderly: alcohol, urban life and public space". *Progress in Human Geography*, 30 (4), pp. 451-468.
- JAYNE, Mark; VALENTINE, Gill e HOLLOWAY, Sarah (2008) - "Geographies of alcohol, drinking and drunkenness: a review of progress". *Progress in Human Geography*, 32 (2), pp. 247-263.
- LOVATT, Andy e O'CONNOR Justin (1995) - "Cities and the night-time economy". *Planning Practice and Research*, 10 (2), pp. 127-135.
- MOREIRA, Claudete Oliveira (2005) - *A geografia e o género: um encontro urbano, os tempos e os espaços nos territórios de Coimbra*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- NORTHCOTE, Jeremy (2006) - "Nightclubbing and the search for identity: making the transition from childhood to adulthood in an urban milieu". *Journal of Youth Studies*, 9 (1), pp. 1-16.
- OC, Taner e TIESDELL, Steven (1997) - "Safer city centres: the role of closed circuit television". In OC, Taner e

- TIESDELL, Steven (eds.) - *Safer city centers: Reviving the public realm*, Paul Chapman, London, pp. 130-142.
- SANTOS, Norberto Pinto dos (2005) - "Lazer, espaço e lugares". In GOMES, Rui M. (ed.) - *Os Lugares do Lazer*, Col. Estudos, Instituto do Desporto de Portugal, Lisboa, pp. 122-143.
- SANTOS, Norberto Pinto dos e MOREIRA, Claudete Oliveira (2008) - "O lazer e a noite. *Imagens* de uma cidade universitária: Coimbra". In SANTOS, Norberto Pinto dos e GAMA, António (coords.) - *Lazer: da libertação do tempo à conquista das práticas*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 247-271.
- SUE, Roger (1982) - *Vers une société du temps libre?* Sociologie d' Aujourd'hui, PUF, Paris.
- TIESDELL, Steven e SLATER, Anne-Michelle (2006) - "Calling time: managing activities in space and time in the evening/night-time economy". *Planning Theory & Practice*, 7 (2), pp. 137-157.
- TRENCH, Sylvia (1997) - "Safer transport and parking". In Oc, Taner e TIESDELL, Steven (eds.) - *Safer city centers: Reviving the public realm*, Paul Chapman, London, pp. 143-155.
- URBANEYE (2007) - *On the Threshold to Urban Panopticon? Analysing the Employment of CCTV in European Cities and Assessing its Social and Political Impacts* <http://www.urbaneve.net> ou Final report <http://cordis.europa.eu/documents/documentlibrary/100123891EN6.pdf>, consultado a 12 de Fevereiro de 2009
- WILLIAMS, Robert (2008) - "Night spaces: darkness, deterritorialization, and social control". *Space and culture*, 11 (4), pp. 514-532.